

COMUNICAÇÃO E CULTURA: A GASTRONOMIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E A CIRCULAÇÃO DE BENS SIMBÓLICOS NO FESTIVAL DE ZALALA EM MOÇAMBIQUE SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Communication and culture: gastronomy as cultural heritage and the circulation of symbolic goods at the Zalala festival in Mozambique from the perspective of cultural studies

Comunicación y cultura: la gastronomía como patrimonio cultural y la circulación de bienes simbólicos en el festival de Zalala en Mozambique desde la perspectiva de los estudios culturales

Farida Rabia Sequeteiro¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2022-7380>

E-mail: farida.sequeteiro@acad.ufsm.br

Flavi Ferreira Lisbôa Filho²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4307-9401>

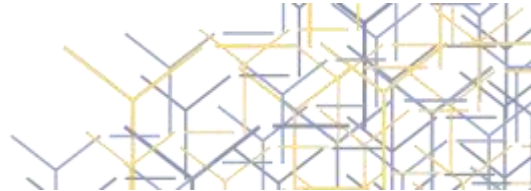
E-mail: flavi@ufsm.br

Resumo: Desde as décadas de 1940/1950, os estudos em comunicação vêm se dedicando a compreender como ocorre o consumo de bens simbólicos pelas massas, seja por meio da industrialização, seja pelos veículos de comunicação de massa, que muitas vezes atuavam como reprodutores de valores dominantes. No entanto, com o advento dos Estudos Culturais, observa-se um deslocamento teórico da ideia de “reprodução” para a de produção de significados culturais, sobretudo nas classes trabalhadoras e populares. Assim, ancorados nessa perspectiva, que reconhece a agência cultural das classes populares, propomo-nos a analisar o Festival de Zalala. Nesse sentido, este texto tem como objetivo discutir como a comunicação, sob a ótica dos Estudos Culturais, pode alavancar e visibilizar a produção cultural presente no Festival de Zalala, no contexto moçambicano. Para tanto, realizamos uma análise de conteúdo com recorte na gastronomia, um dos elementos mais apreciados do festival, que ocorre anualmente na província da Zambézia, região centro de Moçambique.

Palavras-chave: comunicação; cultura; gastronomia.

¹ Universidade federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

² Universidade federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

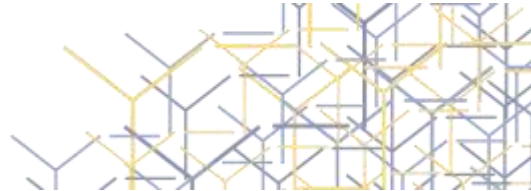


Abstract: Since the 1940s and 1950s, communication studies have sought to understand how the consumption of symbolic goods takes place among the masses, whether through industrialization or mass media, which often served to reproduce dominant values. However, with the emergence of Cultural Studies, there has been a theoretical shift from the idea of mere "reproduction" to the recognition of cultural meaning-making processes within the working class and their dissemination. Anchored in this perspective—which acknowledges cultural production within popular classes—this article aims to analyze the Zalala Festival. Thus, the main objective is to explore how communication, through the lens of Cultural Studies, can enhance and give visibility to the cultural production of the Zalala Festival within the Mozambican context. To achieve this, we conducted a content analysis focusing on gastronomy, one of the most celebrated elements of the festival held annually in Zambézia, central Mozambique.

Keywords: communication; culture; gastronomy.

Resumen: Desde las décadas de 1940 y 1950, los estudios en comunicación se han preocupado por entender cómo ocurre el consumo de bienes simbólicos entre las masas, ya sea a través de la industrialización o de los medios de comunicación masiva, los cuales a menudo reproducían valores dominantes. No obstante, con el surgimiento de los Estudios Culturales, se observa un cambio teórico de la idea de "reproducción" a la de producción de significados culturales, especialmente en las clases trabajadoras y populares. Con base en esta perspectiva —que reconoce la agencia cultural de las clases populares— este artículo propone analizar el Festival de Zalala. En este sentido, el objetivo principal es discutir cómo la comunicación, bajo la óptica de los Estudios Culturales, puede potenciar y visibilizar la producción cultural presente en el Festival de Zalala, en el contexto mozambiqueño. Para ello, se realizó un análisis de contenido con énfasis en la gastronomía, uno de los elementos más apreciados del festival, celebrado anualmente en la provincia de Zambézia, en el centro de Mozambique.

Palabras clave: comunicacion; cultura; gastronomía.



1 INTRODUÇÃO

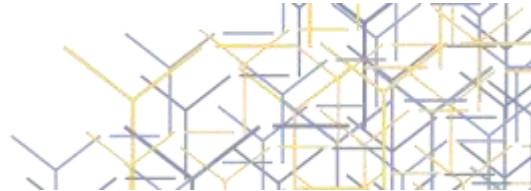
A discussão em torno das indústrias culturais no mundo se iniciou quando os filósofos Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, perceberam que o processo da industrialização movimentava de forma significativa a produção artística e cultural das sociedades. Nas suas primeiras premissas, os intelectuais consideravam que essa indústria tinha como foco a transformação de elementos culturais e simbólicos em mercadoria, fazendo com que o consumo desses bens fosse reproduzido em grande escala, incentivando o consumo de massa.

Assim, a cultura passava de um bem simbólico para um produto industrial, consumido de forma indiscriminada. Se, por um lado, temos esse ceticismo em relação a essa massificação da cultura, que se considerava um perigo ao “vender” um bem cultural, temos o conceito de indústria criativa, que consideramos um ponto de equilíbrio em relação à primeira. A indústria criativa, embora não recuse, na totalidade, a massificação, determina a criatividade, a competência intelectual e o talento como o diferencial tanto para a criação quanto para a exploração desses bens e serviços.

Este artigo analisa como a gastronomia moçambicana, apresentada no Festival de Zalala, atua como patrimônio cultural e como bem simbólico em circulação, articulando práticas comunicacionais, culturais e identitárias. Com base na perspectiva dos Estudos Culturais, entendemos a cultura como prática social, espaço de disputas simbólicas e construção de sentidos (Hall, 2006; Williams, 1977). Nesse contexto, a gastronomia é tratada não apenas como patrimônio cultural imaterial, mas também como linguagem social capaz de expressar memória coletiva, identidade e territorialidade (UNESCO, 2015; Lopes, Simões, 2021). Logo, o Festival de Zalala, realizado anualmente em Moçambique, destaca-se pela centralidade da culinária tradicional enquanto marcador cultural que estrutura, narrativas de pertença, ancestralidade e resistência. No que tange à comunicação, o evento mobiliza meios de comunicação locais e nacionais, redes sociais e estratégias de turismo cultural, ampliando a circulação e a resignificação desses bens simbólicos.

Assim, investigar o Festival permite compreender como práticas gastronômicas são comunicadas, consumidas e resignificadas no espaço público, evidenciando tensões entre tradição e modernidade (local e global) e mercado e cultura. Nesse contexto, interessa-nos entender: de que modo a gastronomia tradicional no Festival de Zalala é comunicada, valorizada e resignificada como patrimônio cultural e como bem simbólico, no contexto da circulação cultural contemporânea?

Na mesma senda, temos como principal objetivo analisar como a gastronomia tradicional moçambicana é representada e circula tanto como patrimônio cultural quanto como bem simbólico no Festival de Zalala, considerando práticas comunicacionais e culturais. Logo, interessa, primeiro, identificar discursos culturais e identitários associados à gastronomia no festival; compreender estratégias comunicacionais que promovem e resignificam esses alimentos; assim como mapear sentidos de patrimônio, memória e identidade mobilizados nas representações do evento. Para o referencial teórico, o nosso estudo tem como base os Estudos Culturais



(Williams, 1977, 2003), Patrimônio cultural e memória (UNESCO, 2015; Lopes, Simões, 2021), Cultura e representação (Hall, 1977b) e Comunicação e circulação simbólica (Canclini, 1997; Couldry; Hepp, 2017).

Metodologicamente, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo (Bardin, 2011) e inspiração nos Estudos Culturais, priorizando interpretações socioculturais e discursivas. Para a efetivação dessa análise, temos como recorte do corpus informações sobre o Festival de Zalala veiculadas nas mídias digitais e nos portais moçambicanos de notícias e entretenimento (2012–2023); buscamos também postagens de páginas oficiais do Festival e de órgãos turísticos (mesmo período), assim como em materiais institucionais da organização que estiveram disponíveis para a visita pública.

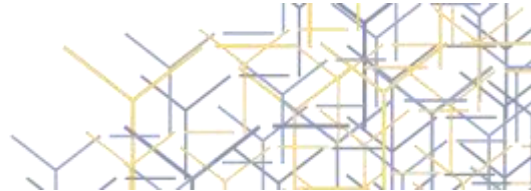
No mesmo sentido, temos, como técnicas de procedimento para a coleta de dados, materiais audiovisuais, textuais e digitais existentes. A codificação temática, por sua vez, será feita com base na leitura flutuante e na análise exploratória. Além disso, será realizada uma análise interpretativa dos sentidos atribuídos à gastronomia, ao patrimônio e à identidade. Por fim, entendemos que será importante a criação das categorias analíticas, de forma dedutiva, com base nas obras teóricas e, de forma indutiva, como base na leitura do corpus, que podem nos permitir compreender até que ponto a gastronomia constrói sentidos identitários, de resistência e representação no festival de Zalala.

Portanto, esperamos, com esta pesquisa, demonstrar como a gastronomia no Festival de Zalala atua como dispositivo comunicacional e patrimônio cultural vivo, operando como estratégia de memória, identidade e projeção simbólica de Moçambique no espaço público.

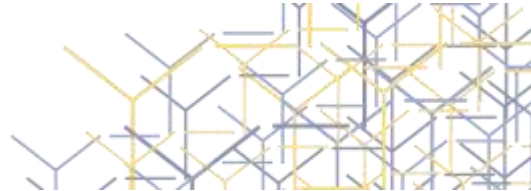
1.1 Comunicação e cultura em Moçambique

1.1.1 A iter-relação entre comunicação e cultura

A comunicação é essencial para a preservação e promoção da cultura em Moçambique. As formas tradicionais de comunicação, como contação de histórias, música e dança, são veículos através dos quais os valores e conhecimentos culturais são transmitidos de geração em geração.



- a) Tradição Oral:** A tradição oral continua a ser uma forma poderosa de comunicação cultural. Histórias, provérbios e canções são usados para transmitir sabedoria, normas sociais e a história da comunidade. Lembrando do celebre romance *Niketche* (2002) da escritora moçambicana Paulina Chiziane, em Moçambique as palavras são sempre mais valiosas na transmissão de conhecimentos ancestrais. A oralidade é o elo entre o passado e o presente, trazendo e relembrando sempre nessas trocas as raízes da nossa cultura.
- b) Mídia contemporânea:** a mídia contemporânea, incluindo rádio e televisão, desempenha um papel crucial na divulgação da cultura moçambicana. Programas que destacam música tradicional, danças e histórias locais ajudam a manter viva a herança cultural em um contexto contemporâneo.
- c) Festivais Culturais:** Moçambique é um país de grande diversidade cultural e, ao longo do ano, realiza inúmeros festivais que celebram sua riqueza étnica, religiosa, musical, gastronômica e artística. Assim, trazemos a título de exemplos, com foco no festival de Zalala que sevem de espaços onde a comunicação e a cultura se entrelaçam em espaços públicos. Esses festivais não apenas celebram a cultura local, mas também promovem a interação e a troca de conhecimentos entre diferentes comunidades (Maputo [...], 2020). O Festival Nacional da Cultura é o evento mais emblemático da agenda cultural moçambicana. Ele acontece a cada três anos, geralmente em julho ou agosto, em diferentes províncias (Moçambique. Governo de Moçambique, 2022). Trata-se de uma celebração da dança, música, artesanato, teatro e gastronomia moçambicana. A edição de 2022, por exemplo, ocorreu na cidade da Beira, província de Sofala, e a próxima está prevista para 2025. O Festival do Tufo, dedicado à dança tradicional Tufo das comunidades afro-islâmicas, acontece em dezembro, coincidindo com as festas de final de ano, principalmente na Ilha de Moçambique. É uma oportunidade para fortalecer identidades culturais e religiosas locais. Temos também outro importante evento cultural que é o Festival de Mapiko, realizado entre julho e agosto, principalmente em Cabo Delgado. Neste festival, o povo Makonde celebra suas tradições através da famosa dança Mapiko, caracterizada pelo uso de máscaras e narrativas orais (Khan, 2007). Outro festival que movimenta a capital do país, é a Festa da Marrabenta, que ocorre anualmente em Maputo nos meses de janeiro e fevereiro, homenageia o estilo musical homônimo, considerado um dos símbolos da identidade nacional moçambicana. A festa culmina com o famoso "Grande Show da Marrabenta" (Marcos, 2017). Na área musical contemporânea, temos o Azgo Festival que é realizado em maio, também em Maputo. Este festival internacional reúne artistas africanos e de outras partes do mundo em uma celebração de música, arte e cultura urbana (Azgo Festival [2025]). Outro destaque é o STRAB Festival, que acontece em maio em Ponta do Ouro, misturando música rock, blues e reggae em um ambiente natural (STRAB Festival, [2025]). Temos igualmente o Festival Indie-Ground, que ocorre em outubro, trazendo à tona bandas independentes de gêneros variados, como indie, rock alternativo e rap. Já o Festival Gala Gala, em Pemba (Cabo Delgado), celebra ritmos africanos e música



contemporânea em agosto, integrando atividades culturais e ambientais. Por fim, há o Festival de Cinema, em que são passados alguns filmes de produções moçambicanas que trazem elementos históricos do passado colonial, os quais, principalmente, servem guardiões da memória nacional sobre eventos que marcaram a nossa trajetória na luta pela liberdade e de como os atos de resistência se tornam sempre importantes na vida da comunidade (Piedade, 2010).

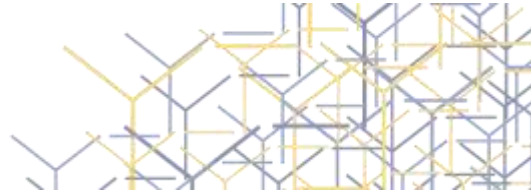
Quanto aos eventos gastronômicos, destacamos o Festival Gastronômico da Ilha de Moçambique, que é realizado em setembro e possui pratos típicos como a matapa, o caril de amendoim e os frutos do mar frescos, valorizando a herança culinária local. Além dele, encontramos o Festival da Cerveja, que mistura música, culinária e degustação de cervejas, o qual acontece geralmente em outubro (Maputo [...], 2020).

Na ala dos festivais religiosos, destaca-se a Festa de Nossa Senhora da Conceição, celebrada em 8 de dezembro, na Ilha de Moçambique, envolvendo procissões, missas e danças tradicionais. O Eid al-Fitr, importante celebração muçulmana que marca o fim do Ramadã, varia entre abril e junho, dependendo do calendário islâmico anual (Islamic [...], [2025]).

No campo das artes visuais e do cinema, o Dockanema — Festival Internacional de Documentários — acontece em Maputo durante o mês de setembro, exibindo produções africanas e internacionais que abordam temáticas sociais e culturais (Piedade, 2010). Temos também o Festival KUGOMA, focado na promoção do cinema moçambicano e lusófono independente, é realizado em agosto ou setembro (KUGOMA, [2025]). e, por fim, o Festival Internacional de Teatro do Inverno (FITI), que ocorre em junho, promovendo peças de teatro de diversas partes do mundo (FITI, 2024).

Os festivais literários em Moçambique têm ganhado cada vez mais relevância como espaços de promoção da literatura nacional, incentivo à leitura e fortalecimento da cultura moçambicana. Para o ano de 2025, assim como nos anos anteriores, estão previstos vários eventos importantes que demonstram a vitalidade da produção literária no país. Abaixo, elencamos alguns deles:

- a)** II Congresso do Meio Milénio do Nascimento de Camões: ocorrerá, em formato híbrido, no dia 6 de junho, em Maputo, e, em formato presencial, no dia 10 de junho, na Ilha de Moçambique. O evento conta com recitais de poesia, conferências, exposições e visitas a locais históricos relacionados a Luís de Camões, sendo organizado pela Universidade Politécnica, pela Universidade Eduardo Mondlane e pela Rede Camões na Ásia e na África;
- b)** feira do Livro de Maputo: esta tradicional feira, prevista para o mês de outubro de 2025, é sempre organizada pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo e conta com mesas de autores, debates, lançamentos de livros, oficinas de leitura e sessões de autógrafos;
- c)** feira do Livro da Beira: organizada pela Associação Kulemba, acontece na cidade de Beira e visa tanto a exaltação da literatura moçambicana quanto o incentivo à leitura;



- d)** festival Internacional de Poesia (FIP): ocorrerá na cidade de Xai-Xai, no sul do país. O evento, organizado pela Associação Cultural Xitende e pelo Conselho Municipal de Xai-Xai, conta com debates, recitais e oficinas de poesia, reunindo artistas nacionais e internacionais;
- e)** festival RESILIÊNCIA: promovido pela Cavalo do Mar Edições, este festival visa estimular a circulação de livros e a valorização dos autores moçambicanos, reforçando o compromisso com a democratização da leitura no país;
- f)** ler é uma Festa: promovido pela Fundação Fernando Leite Couto, é um evento programado para dezembro de 2025. A iniciativa pretende divulgar o livro por meio de diversas atividades culturais, ampliando o acesso da população à literatura moçambicana.

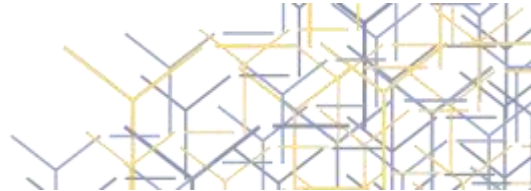
A partir de tais elementos, percebe-se que os festivais moçambicanos são distribuídos de forma bastante equilibrada ao longo do ano, reforçando tanto o turismo como o fortalecimento das culturas locais. Sobre a literatura moçambicana, percebemos o aumento de oportunidades para o surgimento de novos autores, o fortalecimento da leitura e a ampliação do diálogo cultural no país.

1.1.2 Estudos culturais e a preservação dos saberes locais - percurso teórico e metodológico.

Com gênese e consolidação na Inglaterra, os Estudos Culturais, se firmam academicamente nos anos 1970, num processo contextual britânico marcado primeiro, pelo impacto da organização capitalista das formas culturais no campo das relações socioculturais e o colapso do império britânico. Com intuito de compreender a situação atual, este campo de estudo, aliás que por muito tempo não reuniu e nem reúne consenso sobre a sua denominação em disciplina ou campo de estudo, visava compreender e estudar fenômenos sociais e culturais que até então estavam a cargo das ciências sociais humanas.

Como argumenta Baptista (2009), os estudos culturais constituem uma área paradoxal. Assim como Hall (1997b, 2003) e a Escosteguy (2010), nota-se que os Estudos Culturais carregam diversos vieses de estudo divergentes entre os discursos acadêmicos e em parte, deve-se principalmente sobre a natureza dos seus métodos e objetos de estudo. Assim, na visão de Baptista (2009)

[...] os Estudos Culturais revelam discórdias internas profundas em relação a praticamente tudo: sobre para que serve, a quem servem os seus resultados, que teorias produz e utiliza, que métodos e objetos de estudo lhe são adequados, quais os seus limites etc. Na verdade, se algum 'método' há nos Estudos Culturais ele consiste na contestação dos limites socialmente construídos (por exemplo, de classe, gênero, raça etc.) nas mais diversas realidades humanas. A 'naturalização' dessas categorias tem sido precisamente objeto de grande contestação a partir dos Estudos Culturais (Baptista, 2009, p. 452).



A complexidade que caracteriza a área do Estudos Culturais, na concepção da autora, revela um compromisso com o fenômeno cultural, produção contextual, multidimensional e o contingente de conhecimento cultural, o que leva seus investigadores a um resultado de caráter dinâmico e, às vezes, paradoxal ao objeto cultural que abordam. Outra característica trazida pela autora é de que os Estudos Culturais assumem um compromisso cívico e político de estudar o mundo, que o possibilitem intervir na sociedade com mais rigor e eficácia, e ajudar a construir um conhecimento com relevância social (Baptista, 2009, p. 453).

Assim, na visão da autora, os estudos culturais:

trata de estudar aspectos culturais da sociedade, isto é, de tomar a cultura como prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em todas as práticas sociais e é ela própria o resultado daquelas interações (Baptista, 2009, p. 453).

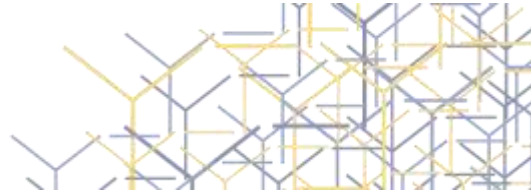
Hall (2003) enfatiza o caráter político dos estudos culturais pois, na visão do autor, mais do que direcionar os Estudos Culturais às críticas é preciso direcionar a defesa de causas coletivas e sociais. Para Hall "é importante chegar-se a uma definição dos Estudos Culturais; não podem consistir apenas em qualquer reivindicação que marcha sob uma bandeira particular. É uma iniciativa ou projeto sério, o que se inscreve no aspecto "político" dos Estudos Culturais" (p. 201).

Pelo seu caráter inter/trans ou, ainda para alguns autores, a antidisciplinaridade, os Estudos Culturais fornecem um viés de estudo robusto para pesquisar culturas e saberes locais. Falar de cultura popular ancorada aos Estudos Culturais, nos ajuda a enxergar, por um lado, o sentido de reivindicação das identidades coletivas, por via do festival de Zalala, principalmente com foco na gastronomia moçambicana e o que ela representa às pessoas dentro e fora de país e, por outro, percebemos que por ser elemento cultural simbólico pode ser causador de lutas simbólicas hegemônicas entre a gastronomia local e estrangeira e os estudos culturais nos fornecem lentes para estudar esses fenômenos.

Importa frisar que uma das preocupações dos estudos culturais é com os meios de comunicação de massa, desde a sua emergência, vistos que além do entretenimento eles podem ser usados como aparelhos ideológicos do Estado.

Estudo dos meios de comunicação caracterizava-se pelo foco na análise da estrutura ideológica principalmente da cobertura jornalística. Esta etapa foi denominada por Hall (1982) de "redescoberta da ideologia", sendo que uma das premissas básicas desta fase pressupunha que os efeitos dos meios de comunicação podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios (Escosteguy, 2010, p. 36).

Os Estudos Culturais na perspectiva de Williams (2003), nos apresenta uma discussão da análise da cultura pela qual é alicerçada e reforçada a contribuição do estudo. Assim, Williams (2003, p. 51) apresenta três categorias gerais para definir a

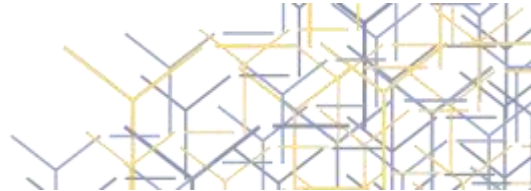


cultura. Primeiro nível seria o “ideal”, segundo o qual a cultura é um estado ou processo de perfeição humana, em termos de certos valores absolutos ou universais. A segunda seria a documental, que considera a cultura resultado de obras intelectuais e imaginativas nas quais o pensamento e a experiência humanos são registrados de várias maneiras.

Quando Williams (2003, p. 56) considera a análise da cultura, no sentido documental, de “grande importância porque pode produzir evidências específicas sobre toda a organização dentro da qual ela foi expressa”, nesse sentido, consideramos a mídia um campo fértil para a produção de evidências para a construção de pesquisas em comunicação, e principalmente, nas identidades e questões de representação. A terceira categoria é a definição da cultura como social que engloba a forma da vida que expressa certos significados e valores não apenas na arte e na aprendizagem, mas também nas instituições e no comportamento comum. Se pensarmos na cultura nessa perspectiva, numa abordagem mais ampla e considerando a gênese da criação dos estudos culturais, a cultura atravessa todos os segmentos da vida em sociedade e com a cultura midiática cada vez mais presente torna a comunicação um campo com diversos objetos de investigação por explorar.

Quanto ao papel preservação dos saberes locais, especialmente em contextos em que a globalização e a modernização ameaçam diluir não apenas as tradições, mas também os conhecimentos ancestrais, os Estudos Culturais desempenham um papel fundamental. Este artigo, portanto, examina, justamente, a importância dos Estudos Culturais na manutenção e na valorização dos saberes locais, destacando como eles contribuem tanto para a identidade cultural quanto para a sustentabilidade das comunidades por via deste festival. Sendo os Estudos Culturais uma área interdisciplinar que examina não apenas como a cultura é produzida, disseminada e consumida, mas também as práticas, os significados e os valores culturais, bem como seu impacto nas sociedades, torna-se crucial para entender e preservar as diversas formas de expressão cultural e os conhecimentos tradicionais que são passados de geração em geração.

Segundo Hall (1997b, p. 48) “a cultura é um conjunto de práticas e representações que nos dão sentido e identidade”, o que nos possibilita inferir que o Festival de Zalala pode representar uma ponte que perpassa todas as práticas quotidianas que vão incidir nas identidades e representações das pessoas por vias dos bens simbólicos presentes no festival. Se, por um lado, os Estudos Culturais fornecem ferramentas teóricas e metodológicas para documentar, analisar e promover os saberes locais, por outro, eles ajudam a contextualizar esses conhecimentos dentro de um quadro mais amplo de mudanças sociais, políticas e econômicas, facilitando a compreensão de sua relevância e valor. Assim, entendemos que eles incentivam a documentação dos saberes locais através de pesquisa etnográfica, entrevistas e gravações, criando um arquivo que pode ser usado para educação e preservação. Outro elemento importante tem a ver com a questão da educação e sensibilização dos saberes locais, ao incluí-los no currículo educacional, facilitando sensibilizar as novas gerações sobre a importância de suas tradições e dos conhecimentos ancestrais. Outra



característica dos Estudos Culturais é o empoderamento comunitário, que pode ser alcançado não apenas ao facilitar tanto a valorização quanto a promoção dos saberes locais, fazendo com que as comunidades reforcem a suas identidades culturais e orgulhem-se de suas tradições, como também ao auxiliar na criação de políticas culturais que protejam e incentivem a preservação dos saberes locais, garantindo recursos e apoio para as comunidades, como preconiza a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) ao propor a salvaguarda de alguns símbolos culturais em Moçambique, como a dança Tufo, para que este patrimônio imaterial seja sempre protegido.

Em Moçambique, projetos como o do Instituto de Investigação Sócio-Cultural (ARPAC) têm utilizado os estudos culturais para mapear e preservar conhecimentos tradicionais. "Através de parcerias com comunidades locais, conseguimos documentar e revitalizar práticas culturais que estavam em risco de desaparecer" (ARPAC, 2021).

Por sua vez, quando olhamos para a gastronomia de uma região percebemos que ela pode valorizar a identidade cultural das pessoas nelas estabelecidas. Lopes e Simões (2021, p. 113) argumentam que a partir desse "patrimônio gastronômico é possível favorecer a identificação, expor crenças, valores e costumes". assim, quando pensamos na gastronomia, pensamos também nos saberes que esta representa e como eles podem ser usados de forma a dar mais importância, ao mesmo tempo que, impulse na valorização dos produtos tradicionais dessas regiões.

A gastronomia muitas vezes é considerada um importante fator de identidade cultural, de competitividade e de experiências criativas (Lopes; Simões, 2021, p. 115). Nesta perspectiva, entende-se que os produtos endógenos que integram a gastronomia local contribuem para o reforço da identidade cultural local e o desenvolvimento sustentável. Num festival como o de Zalala, a gastronomia, aliada a outros recursos culturais (como, por exemplo, música, dança, artesanato etc.), transforma-se em um conjunto de oferta cultural em um destino. Por sua vez, Isekiel (2021) pensa na gastronomia de um povo como uma herança cultural, identitária e territorial quanto como um dos mais genuínos bens patrimoniais imateriais das sociedades humanas. De acordo com o autor "os ritos alimentares: como comer, o que comer, onde comer, com quem comer estão diretamente ligados aos ensinamentos transmitidos de uma geração de adultos para as gerações mais novas" (Isekiel, 2021, p. 225).

Já Muller, Amaral e Remor (2010) pensarão na gastronomia como uma tradição, história, sabores, conjunto de técnicas e todas as práticas culinárias envolvidas que, somadas, contribuem para a formação das culturas regionais. Os autores comentam a crescente tendência da valorização do patrimônio cultural nas sociedades, rumo ao resgate dos hábitos culinários mais tradicionais, de forma a trazer e fazer essa revalorização das antigas raízes culturais de cada uma das regiões.

Os modos alimentares se articulam com outras dimensões sociais e com a identidade. O valor cultural do ato e do modo alimentar é cada vez mais entendido enquanto patrimônio, pois a comida é tradutora de povos, nações, civilizações, grupos étnicos, comunidades e famílias (Muller; Amaral; Remor, 2010, p. 4).



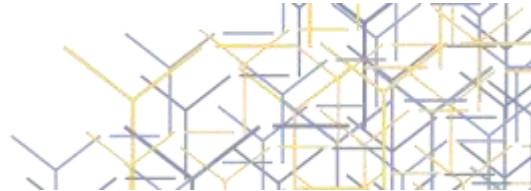
Entendendo a estrutura culinária como o conjunto de regras e normas relacionadas à alimentação, incluindo os alimentos escolhidos, a organização do cardápio, as técnicas de preparo e os temperos, é possível identificar a culinária de uma região ou nação como uma particularidade cultural, já que, desde as etapas de preparação até o consumo, estão inclusos vários fatores de identidade cultural (Muller; Amaral; Remor, 2010, p. 4). No Festival de Zalala, por exemplo, os visitantes têm a oportunidade de aprender e presenciar a preparação dos pratos, suas origens e sua forma de degustar, tudo isso enquanto compartilha entretenimento e aprendizado.

No campo da comunicação e circulação simbólica, Canclini (1997) parte da crítica às fronteiras rígidas entre o “culto”, o “popular” e o “massivo”, mostrando que a modernização não elimina esses domínios, mas os reorganiza no que chama de mercados simbólicos. Nesse contexto, o sentido e o valor dos bens culturais emergem de mediações múltiplas que “põe em cena” as culturas populares e eruditas para públicos diversos. Assim, Canclini (1997, p. 39-40) observa que o trabalho do artista e do artesão se aproxima quando ambos veem seu “valor simbólico” redefinido pela lógica de mercado e pela espetacularização midiática. No mesmo ponto de vista, percebemos que essa reconfiguração implica dois movimentos complementares para pensar a circulação: a) hibridização, que seria o cruzamento de repertórios, linguagens e circuitos (do local ao transnacional), que desmontam a “concepção folhada” da cultura (Canclini, 1997, p. 36-37); b) recontextualização mercantil, que seria a incorporação de bens e saberes a novos contextos de consumo e visibilidade, como feiras, mídias e turismo, onde operam novas gramáticas de valor, autenticidade, tradição, distinção, “típico” (Canclini, 1997, p. 38-40).

Para festivais gastronômicos, como Zalala, essa perspectiva ilumina a maneira como práticas culinárias se tornam bens simbólicos em trânsito entre esferas (comunitária, midiática, turística), agregando valor patrimonial e, ao mesmo tempo, sendo formatadas por lógicas de mercado e espetacularização que recontextualizam saberes e sabores.

Couldry e Hepp (2017, 25-26), por sua vez, propõem ler o social como construção comunicativa e, hoje, como construção mediatizada. Eles definem que não apenas vivemos num mundo mediado, mas mediatizado. Assim, os autores nos propõem pensar que a circulação reside em dois pontos: primeiro - mundos sociais como construções comunicativas, onde a coordenação de práticas e a produção de sentido dependem de práticas comunicacionais (face a face e mediadas) e em condições digitais, já que “mais e mais aspectos da prática diária são saturados” por comunicação mediada (Couldry; Hepp, 2017, p. 26); segundo - a *deep mediatization*, onde a história das “ondas” de mediatização culmina num estágio em que mídias e tecnologias interligadas configuram ambientes comunicacionais onipresentes e pluridimensionais, nos quais processos baseados em dados (*datafication*) operam “por trás” da interação cotidiana (Couldry; Hepp, 2017, p. 21-23).

Logo, sob o ponto de vista dos referidos autores, para o estudo de festivais gastronômicos, devemos entender que a circulação implica misturas, traduções e reposicionamentos de bens simbólicos (da cozinha doméstica ao palco do festival; da



feira local ao *feed* global). As etiquetas de autenticidade/tradição emergem como chaves de valor num circuito onde mídia e mercado se imbricam (Canclini, 1997, p. 36–40). Do ponto de vista comunicacional, a circulação depende de infraestruturas e lógicas de mediatização que moldam como e para quem esses bens se tornam visíveis, compartilháveis e memorizáveis (Couldry; Hepp, 2017, p. 21–26).

1.2 Conhecendo a província da Zambézia-Quelimane

1.2.1 Um olhar pelos estudos culturais através da cultura vivida

A Província da Zambézia possui potencial em atrativos turísticos naturais e em variado patrimônio histórico-cultural para o desenvolvimento do turismo. As principais atrações da província, para efeitos de turismo, são constituídas por praias e mar, fauna bravia, águas termais e, ainda, pelo patrimônio histórico-cultural das suas terras e populações, é nestes atrativos que tem incidido a atividade turística, ainda que com níveis baixos de exploração. Os investimentos no setor de turismo, em sua grande maioria nacionais, têm se traduzido numa fraca concorrência e competitividade, em nível tanto local quanto nacional. Zambézia possui um potencial considerável para o desenvolvimento turístico de praia ao longo da sua costa, de cerca de 400 quilômetros, e nas ilhas, complementando com atividades desportivas e outras de aproveitamento de todas as potencialidades que o mar oferece (desporto, incluído o motorizado, mergulho e pesca desportiva), contemplando as excelentes paisagens e a grande diversidade da fauna bravia na Reserva Nacional do Gilé (RNG), incluindo a caça nas coutadas da RNG e de Chinde.

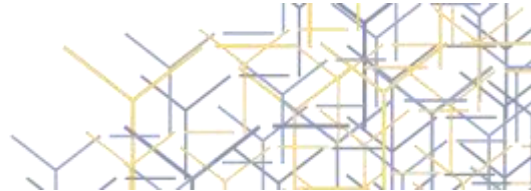
As manifestações culturais são parte integrante do quotidiano dos habitantes, fato que, de certa forma, caracteriza as populações da Província da Zambézia, que é reconhecida pelas suas manifestações culturais e aptidões gastronômicas carregadas de simbolismo. As danças nhambalo, nickethe, mutengo e nagula, a dança das cobras, o carnaval e o Festival de Zalala constituem alguns exemplos das múltiplas criações artístico-culturais da província, que conta, ainda, com diversas obras de artesanato, cerâmica, pintura e teatro.

Considerando que, com a invasão portuguesa em 1498, a província sofreu grande miscigenação, uma vez que já existia, no território, a presença dos árabes-persas e dos nativos, elencamos algumas consequências a seguir:

- Línguas e culturas

A província tem como uma de suas características a diversidade linguística e cultural. Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique, divulgados em material de promoção turística da província, indicam que 37.1% da população zambeziana fala elomwe; 23.5%, echuwabo; 9.2%, português; 8.2%, cisena; lolo/malolo, 5.1%; e emakhuwa, 2.0% (Visit [...], [2025]).

A língua portuguesa, mais enraizada nesta região do que nas restantes províncias do país, é um traço marcante do arrendamento do território zambeziano à



Companhia da Zambézia de Paiva de Andrade e outras. A alegria e a extroversão do povo da zambeziano tornaram a província particular (INE, 2007).

- Bens simbólicos e populares

Bens simbólicos são objetos, práticas ou símbolos que carregam significados culturais profundos, representando valores, crenças e identidades das comunidades. Bens populares são expressões culturais amplamente reconhecidas e apreciadas pela população, incluindo música, dança, arte e gastronomia.

Geertz (1973) na sua obra "A Interpretação das Culturas" chama de bens simbólicos aqueles através dos quais os seres humanos conferem sentido ao mundo e a si mesmos. Assim, todos elementos tangíveis e intangíveis que fazem parte de uma dada cultura vão definir a identidade desse povo por via das suas práticas quotidianas e habituais, passadas simbolicamente de geração para geração.

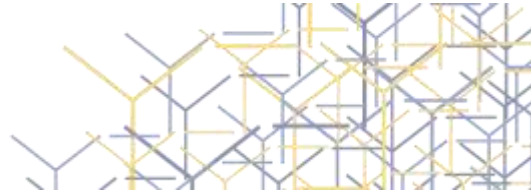
Moçambique é um país com uma vasta riqueza cultural, refletida em seus diversos bens simbólicos e populares. Estes bens são manifestações tangíveis e intangíveis da identidade cultural e desempenham um papel crucial na vida social e espiritual das comunidades. A pesquisadora Casimiro (2018, p. 12), vai trazer uma abordagem onde coloca a música e a dança como ferramentas centrais e poderosas de comunicação cultural, usadas para celebrar, educar e unir as pessoas.

- Artesanato

O artesanato moçambicano é rico e diversificado, incluindo trabalhos em madeira, cestaria, cerâmica e têxteis. Objetos como máscaras tradicionais, esculturas e cestos não são apenas decorativos, mas também carregam significados espirituais e culturais. O Instituto de Investigação Sociocultural (ARPAC) destaca que "o artesanato é uma forma de expressão cultural que preserva e transmite conhecimentos tradicionais, além de ser uma fonte de renda para muitas comunidades".

- Música e Dança

A música e a dança são centrais na cultura moçambicana, com ritmos e estilos que variam entre os diferentes grupos étnicos e regiões. Consideradas ferramentas de grande impacto na comunicação cultural comunitária, são usadas não apenas para entretenimento, educação (ritos de iniciação) e celebrações alegres, como também para atos e fúnebres. A *marrabenta*, por exemplo, é um gênero musical popular que mistura influências africanas e portuguesas.



- Rituais e Cerimônias

Rituais e cerimônias desempenham um papel crucial na vida das comunidades moçambicanas. Cerimônias de iniciação, casamentos e funerais, por exemplo, são momentos importantes que reafirmam a coesão social e a continuidade cultural. Já os rituais de diversas ordens servem como mecanismos de transmissão de conhecimentos, valores e normas sociais dos mais velhos para os mais novos, para reforçar crenças e mitos, manter vivas as raízes culturais e, acima de tudo, não apenas reafirmar, mas também reforçar a identidade coletiva e nacional.

- Arte Visual

As artes visuais, incluindo pintura, escultura e muralismo, são formas vibrantes de expressão cultural. Artistas moçambicanos como Malangatana Ngwenya têm sido reconhecidos internacionalmente por suas obras que capturam a vida e as lutas do povo moçambicano. "A arte visual em Moçambique é uma janela para a alma da nação, refletindo suas alegrias, tristezas e esperanças" (Borges, 2017, p. 7).

- Gastronomia

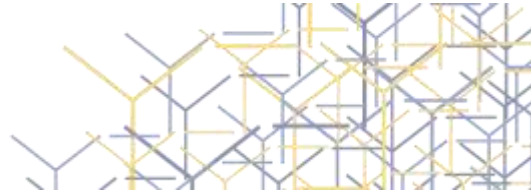
A culinária moçambicana é uma mistura de influências africanas, portuguesas e indianas, refletindo a história do país. Pratos como o matapa (preparado com folhas de mandioca e amendoim) e o piri-piri (molho picante) são populares e carregam significados culturais. Na província da Zambézia temos pratos típicos em diversos eventos, assunto que abordaremos mais adiante.

1.3 O Festival de Zalala

1.3.1 Dialogando com a cultura registrada nas lentes dos estudos culturais

O Festival de Zalala, realizado na praia de Zalala, na cidade de Quelimane-Zambézia, é um evento anual, realizado no mês de novembro, com duração de três dias, geralmente de sexta-feira a domingo, atraindo participantes não apenas de diversas regiões de Moçambique, como também de países vizinhos, já que começou como uma celebração local, mas, rapidamente, cresceu em popularidade. A praia de Zalala, com suas paisagens pitorescas e um ambiente acolhedor, proporciona o cenário ideal para este evento, que celebra a cultura local através de música, dança, arte e gastronomia, tornando-se uma vitrine para a riqueza cultural da província da Zambézia e um ponto de encontro para a troca de ideias e bens simbólicos.

De acordo com o Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique, o Festival de Zalala "tem se tornado um dos eventos culturais mais importantes do país, promovendo não apenas a cultura local, mas também incentivando o turismo e o desenvolvimento econômico na região" (Ministério da Cultura e Turismo, 2020). Além



disso, através da sua realização, o festival tem trazido diversos resultados positivos para o desenvolvimento social, cultural e econômico da província, que vão para além da socialização, como a geração de renda por parte dos pequenos vendedores, sejam eles de artesanato, gastronomia (um dos maiores atrativos), tapeçaria, entre outros. Dessa forma, ele se tornou um espaço de negócios por excelência e em aberto, onde as telefonias móveis, os revendedores e os bancos podem fazer muito mais dinheiro, já que circulam, em apenas três dias, mais de 30 mil pessoas.

Contemplado nos calendários dos festivais internacionais das regiões banhadas pelo Oceano Índico, o festival em Zalala, nas vésperas do seu acontecimento, tem se tornado o principal destino de estrangeiros e nacionais. Com um número inicial de 15 mil visitantes nacionais e estrangeiros nas primeiras edições (2013), atualmente o número vem crescendo. Em 2017, por exemplo, estima-se que 32 mil turistas nacionais e internacionais foram ao festival.

O Festival de Zalala desempenha um papel crucial tanto na preservação quanto na promoção da cultura local. Ele fornece uma plataforma para que as comunidades exibam suas tradições culturais, fortalecendo a identidade cultural e promovendo o orgulho entre os residentes.

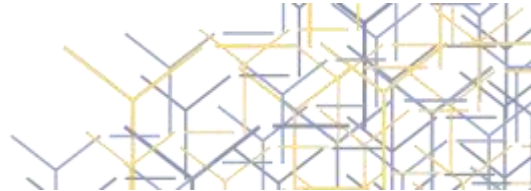
Economicamente, o festival contribui para o desenvolvimento da região ao atrair turistas e gerar renda para os artesãos e comerciantes locais. A ARPAC (2021) observa que "eventos culturais como o Festival de Zalala são essenciais para a economia local, pois criam oportunidades de emprego e incentivam o empreendedorismo".

Figura 1 – Divulgação, comercialização e troca de bens culturais simbólicos: feiras de artesanato no Festival de Zalala



Fonte: O País [2025].

Os bens simbólicos, como artesanato, música e danças tradicionais, são uma parte essencial do festival. Estes bens não são apenas produtos culturais, são também portadores de significados e valores que são comunicados e compartilhados durante o evento. Como podemos ver nas imagens acima, o festival possibilita essa interação, na qual os artesão explicam aos visitantes sobre a matéria prima, técnicas de produção, manuseio e muitos outros elementos que podem ser partilhados sobre o processo de produção dos artesanatos expostos nas feiras durante o decorrer do festival. A exposição e a performance desses bens no Festival de Zalala ajudam a



preservar tradições e a mostrar, tanto aos moradores locais quanto aos visitantes, a herança cultural da região.

Neste evento, quando pensamos na divulgação dos saberes locais, referimo-nos às práticas e aos conhecimentos desenvolvidos por comunidades ao longo do tempo, baseados em suas experiências e interações com o meio ambiente, tais saberes são essenciais para a identidade cultural e a sobrevivência das comunidades. O festival, considerado o maior de praia da província, tem como propósito salvaguardar esses saberes que são partilhados com os diversos participantes de cada edição, lembrando que preservar culturas ancestrais e locais, saberes e conhecimentos é um importante fator para manter a sustentabilidade cultural, ambiental e até econômica dessa comunidade. Além de tais benefícios, o Festival de Zalala promove a coesão social e a integração comunitária, uma vez que reúne pessoas de diferentes origens, facilitando o diálogo e a compreensão intercultural.

No que tange aos impactos sociais e econômicos, temos a destacar a inauguração de uma estância turística com mais de vinte quartos, uma sala de conferências, restauração e piscina, pensados no contexto do festival como forma de atrair mais turistas estrangeiros. Atualmente, as instâncias de hotelarias têm crescido cada vez mais a cada edição do festival, nascida no contexto do Festival de Zalala, sua construção visa, entre outros objetivos, contribuir para a promoção do turismo nacional. Portanto, o Festival de Zalala tornou-se um produto turístico da província da Zambézia, de Moçambique e, quiçá, do mundo, tal como o carnaval e outras expressões artístico-culturais. A fim de exemplificar, tem-se a figura abaixo, a qual traz, à esquerda, a dança nhambalo e, à direita, a dança das cobras.

Figura 2 – Mostra da dança tradicional no Festival de Zalala, a esquerda a dança nhambalo e a direita das cobras



Fonte: Disponível em: https://1.bp.blogspot.com/-8jm08PKjCb0/XYo2YlohELI/AAAAAAAAAEs/XZAPGnAAMao2b17wA5MBmyxKCdjX71z_QCLcBGAsYHQ/s640/Post%2B1%2BZambezia.jpg. Acesso em: 13 nov. 2025.



Muthemba (2019), especialista em estudos da cultura moçambicana, convida-nos a pensar o Festival de Zalala como uma plataforma que permite às comunidades não apenas mostrarem suas histórias locais ou suas habilidades artísticas e gastronômicas, mas também compartilharem seus mitos e crenças, que servem de fortalecimento da identidade cultural coletiva. O Festival de Zalala também serve como um mercado para a comercialização de bens culturais, já que artesãos locais têm a oportunidade de vender suas criações para um público mais amplo, incluindo turistas, o que, além de proporcionar uma fonte de renda para os artistas, auxilia a promover a cultura moçambicana no exterior.

Um estudo conduzido pelo Instituto de Investigação Sociocultural (ARPAC) destaca que "a comercialização de artesanato e outros bens culturais durante os festivais locais é uma estratégia eficaz para a valorização e sustentabilidade das tradições culturais". A troca de bens simbólicos no Festival de Zalala vai além da simples venda de produtos, envolve a troca de conhecimentos, experiências e significados entre os participantes. Este intercâmbio cultural contribui para a coesão social e a compreensão intercultural, promovendo a paz e a unidade na diversidade. A presença de diversos grupos étnicos e culturais no festival, por sua vez, permite a construção de redes sociais mais extensas e fortes, que são aliadas na criação de estruturas de sentimento e pertencimento na comunidade, importante para lembrar que, mesmo em meio à diversidade, é possível conviver com pequenos elementos semelhantes entre as pessoas.

1.3.2 Feira Gastronômica, a atividade mais apreciada no Festival

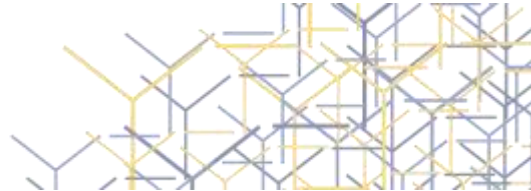
No festiva de Zalala, percebemos que a gastronomia é um dos elementos mais apreciados do evento. A exposição de comidas típicas, que são feitas na hora, possibilita que os participantes passem de barraca em barraca para degustar os mais apreciados e disputados pratos, como os apresentados na Figura 3.



Figura 3 – Gastronomia: as comidas mais apreciadas na ordem das imagens

a) Mucapata acompanhado de frango à zambeziana	b) Frango à zambeziana	c) Xima de farinha de mandioca e marisco (todué)
		
d) Camarão e quiabo ao molho de leite de côco	e) Xima de farinha de milho branco, molho de tomate e catxopue (mistura de quiabo e folhas de batata doce, amarantos e abóbora)	f) Arroz e matapa (preparo de folhas de mandioca, amendoim, leite de côco, camarão e cebola)
		

Fonte: a) disponível em: <https://tse3.mm.bing.net/th/id/OIP.I-FsGikw05YRhPPfXPpSJwHaJ4?rs=1&pid=ImgDetMain&o=7&rm=3;https://i.ytimg.com/vi/wl3ExyFwpzY/hqdefault.jpg>; c) disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/ol0rIK5VXsM/maxresdefault.jpg?sqp=-oaymwEmCIAKENAF8quKqQMa8AEB-AHOBACgAqKAgwIABABGGUgTyhFMA8=&rs=AO4CLClhqiCTSCWi86z06w9yUwBs93NUA>; d) disponível em: <https://static.itdg.com.br/images/360-240/7173dd449c5b6f00c97574b727144ac4/308048-original.jpg>; e) disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/-2sXQyJPAGo/maxresdefault.jpg>; f) disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-zGX2sGnp784/XiN2xRba3ul/AAAAAABPcQ/iH5cl5wZaKor7BNz9GjAticHYxHcNI3FgCLcBGAsYHQ/s1600/matapa1.jpg>. Acesso em: 13 nov. 2025.



Como exposto anteriormente, o Festival de Zalala é um dos maiores eventos culturais do centro de Moçambique. Embora seja conhecido principalmente por promover música, dança e exposições culturais, a gastronomia desempenha um papel fundamental como expressão de identidade regional, revitalização de práticas tradicionais e instrumento de dinamização econômica local. A análise aqui proposta baseia-se na Análise de Conteúdo segundo Bardin (2011), priorizando: categorização temática; inferência dos significados culturais; e leitura dos elementos simbólicos envolvidos no consumo e na produção gastronômica. Assim, na categoria de análise, temos a exaltação da culinária local, típica da província da Zambézia, com ênfase em pratos à base de produtos do mar e da agricultura local. Entre os alimentos mais presentes, encontram-se: camarão grelhado e quiabo com camarão; matapa (folhas de mandioca com amendoim e côco); caril de siri e caranguejo; peixe grelhado; frango grelhado; arroz de côco, a tradicional mucapata (mistura de arroz, feijão e côco); xima de farinha de milho e de mandioca.

A exposição e a comercialização desses pratos não apenas valorizam as técnicas culinárias ancestrais, mas também reforçam a ligação do povo da Zambézia com o mar e a terra. Além disso, há a questão da gastronomia como Patrimônio Imaterial UNESCO (2003), que denomina as práticas alimentares tradicionais como integrantes da herança viva de uma comunidade. Desse modo, no Festival de Zalala, encontramos o preparo artesanal dos alimentos (uso de panelas de barro, fogueiras de lenha, moendas manuais), que faz parte do espetáculo, uma vez que as comidas são preparadas em frente aos turistas; as receitas, que, transmitidas oralmente entre gerações, são reativadas e apresentadas ao público; e os sabores locais, os quais são revalorizados como marca da identidade cultural zambeziana. Assim, a feira gastronômica do festival não apenas alimenta, mas mostra e emociona, atuando como uma potente ferramenta de preservação cultural. Outro elemento importante é a economia cultural e o empreendedorismo feminino, já que as barracas de gastronomia são majoritariamente geridas por mulheres locais, que aproveitam o evento para comercializar pratos tradicionais e gerar renda, prática que revela o fortalecimento do empreendedorismo comunitário, a valorização do saber-fazer feminino na cadeia produtiva gastronômica e a resistência às dinâmicas de exclusão econômica, promovendo a autonomia das mulheres. De acordo com Canclini (1995, p. 246), essa dinâmica carrega o conceito de economia simbólica, em que o alimento não é apenas mercadoria, mas também um produto de memória e afeto. Outra análise pertinente é sobre a questão da territorialidade e da sustentabilidade alimentar, uma vez que os alimentos utilizados na feira gastronômica do Festival de Zalala são, em sua maioria, locais e sazonais, como produtos do mar frescos oriundos da pesca artesanal local (pescados, vendidos e cozinhados no local), legumes e frutas cultivados nas machambas (hortas comunitárias) e uso mínimo de industrializados, tudo isso respeitando os ciclos naturais. Nesse sentido, a prática enaltece uma lógica de soberania alimentar, favorecendo a sustentabilidade ambiental e a economia da própria região, em alinhamento com princípios de territorialidade alimentar.



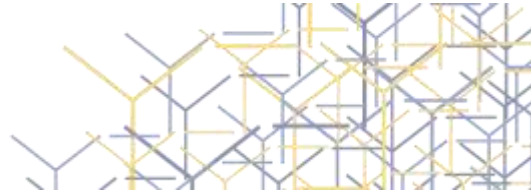
Por fim, inferências e sentidos culturais revelam que a gastronomia do Festival de Zalala reafirma a identidade zambeziana por meio do paladar, conectando passado e presente, além de promover a resistência cultural, diante da globalização alimentar, gerando desenvolvimento comunitário, ativando redes locais de produção, comercialização e turismo cultural, ao mesmo tempo que funciona como instrumento de mediação cultural, permitindo que visitantes nacionais e estrangeiros conheçam e valorizem os saberes locais. Portanto, durante o festival, o prato servido torna-se, assim, um texto cultural a ser lido e saboreado, carregado de significados históricos, sociais e afetivos.

A partir disso, produzimos algumas inferências de categorização, para entender de que modo o Festival de Zalala, com foco na gastronomia, torna-se um elemento de construção de sentido e preservação da identidade cultural moçambicana, no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias analíticas e simbólicas da gastronomia como patrimônio cultural no Festival de Zalala

Categoria	Descrição	Impacto Cultural
Exaltação da Culinária Local	Valorização de pratos típicos da Zambézia, como camarão, matapa, caril de siri e peixe grelhado, fortalecendo a identidade cultural local.	Reforço da memória e identidade zambeziana.
Gastronomia como Patrimônio Imaterial	Demonstrações de preparo artesanal e transmissão oral de receitas tradicionais, reforçando a herança cultural da província.	Preservação e valorização de saberes tradicionais.
Economia Cultural e Empreendedorismo Feminino	Barracas majoritariamente geridas por mulheres locais, promovendo o empreendedorismo comunitário e a autonomia econômica feminina.	Geração de renda e empoderamento feminino.
Territorialidade e Sustentabilidade Alimentar	Uso de alimentos locais e sazonais, valorizando a produção artesanal e respeitando os ciclos naturais, fortalecendo a soberania alimentar.	Sustentabilidade ambiental e fortalecimento das redes locais de produção.

Fonte: elaborado pela autora



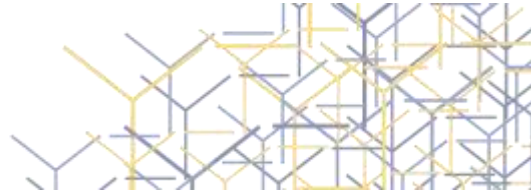
2 DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Como desafios, podemos pontuar a influência da cultura ocidental e a urbanização, que podem levar ao enfraquecimento das tradições locais. Há, com isso, um risco de que as línguas e práticas culturais menores sejam marginalizadas.

Já como oportunidades, tem-se a tecnologia e as mídias sociais, que oferecem novas plataformas para a promoção e a preservação da cultura moçambicana. Considerando que iniciativas digitais podem documentar e disseminar práticas culturais para um público global, é preciso usar a tecnologia para divulgar mais, documentar mais, disseminar mais, ou seja, usar esse mecanismo como uma oportunidade para fortalecer, fazer conhecer, reivindicar um espaço cultural nosso, que, muitas vezes, tem sido ameaçado pelo processo de aculturação do ocidente. As redes sociais são um exemplo de jogar a favor da nossa visibilidade, desde que haja mais empenho, organização e compromisso, tanto da comunidade como do governo.

Com o crescimento que vem se registrando do Festival de Zalala, o governo provincial, em 2023, fez saber que existe uma grande possibilidade de terceirizar o Festival de Zalala, pois já há registro de mais contatos com potenciais parceiros e empresas interessadas em gerir o maior evento cultural da província. Se olharmos profundamente e de forma mais crítica tal anúncio, percebemos que há mudanças profundas na forma como os bens culturais vêm sendo administrados nos festivais, no geral. Embora o crescimento do festival seja, à primeira vista, um indicador positivo (evidenciando maior participação, visibilidade turística e geração de renda), a perspectiva de terceirização pode suscitar preocupações e desafios que merecem análise crítica, já que pensar em terceirizar um evento cultural público implica, inevitavelmente, a introdução de lógicas de mercado mais fortes no processo de gestão cultural.

Isso significa que a administração por empresas privadas, mesmo que especializadas em eventos, pode priorizar o lucro e a eficiência econômica em detrimento dos valores simbólicos, identitários e comunitários que o Festival de Zalala representa. Se olharmos os argumentos de Hall (1997b, p. 49), a cultura não é apenas uma prática econômica, mas também uma arena de significados partilhados, por isso, mercantilizá-la sem cuidado pode reduzir a riqueza dos sentidos que o festival carrega para os povos locais. Ademais, existe o risco de que a essência popular e comunitária do festival seja descaracterizada. Até agora, o Festival de Zalala tem sido um espaço de encontro e de celebração tanto dos saberes quanto das tradições locais, permitindo que dançarinos, músicos, artesãos e pequenos produtores da região expressem suas culturas e gerem suas próprias rendas. A terceirização pode levar a uma curadoria seletiva e comercial, focada em atrações que atraiam mais turistas ou patrocinadores, em detrimento da participação genuína de artistas e comunidades locais, o que configura o que Canclini (1997, p. 247) chamou de “recontextualização mercantil da cultura”, que ocorre quando se transformam as práticas culturais em produtos adaptados à lógica do mercado.



Outro ponto pertinente é a questão da soberania cultural. A cultura popular e seus espaços de manifestação, como o Festival de Zalala, representam formas de resistência histórica e de afirmação de identidades regionais, principalmente em sociedades pós-coloniais como a moçambicana. Delegar a gestão a agentes privados sem um sistema forte de salvaguardas públicas pode abrir caminho para a perda do controle popular sobre os símbolos e as narrativas que definem essas identidades (Santos, 2007).

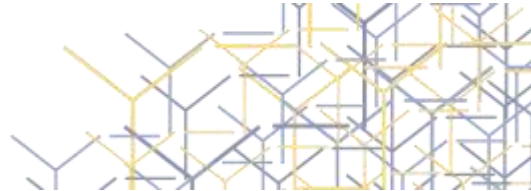
Por outro lado, é necessário reconhecer que a terceirização, se bem regulada e orientada por políticas públicas claras, também pode representar uma oportunidade. A profissionalização da gestão pode trazer melhorias logísticas, técnicas e promocionais ao festival, ampliando ainda mais sua visibilidade internacional e o potencial de desenvolvimento turístico sustentável na Zâmbia. No entanto, para isso, seria fundamental que a terceirização fosse feita com cláusulas contratuais que garantam a participação ativa das comunidades locais, a proteção dos elementos culturais tradicionais e a reinversão dos lucros em projetos sociais e culturais locais.

Assim, acredito que a possibilidade de terceirizar o Festival de Zalala pode vir a se tornar um dilema contemporâneo entre a oportunidade de crescimento econômico e a necessidade de preservar a autenticidade cultural. Nesse sentido, é importante pensar que, mais do que escolher entre público e privado, o desafio é construir modelos híbridos e participativos que respeitem o caráter popular do festival e garantam que ele continue sendo um espaço de memória, expressão e resistência cultural para as gerações futuras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival de Zalala é um evento cultural de grande importância em Moçambique, oferecendo uma rica experiência de imersão na cultura local. Ele desempenha um papel vital na comunicação e na cultura no país, promovendo a divulgação, a comercialização e a troca de bens simbólicos populares locais, fortalecendo a identidade cultural e contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região. Como tal, é uma celebração não apenas das tradições da Zâmbia, mas de toda a diversidade cultural de Moçambique.

Assim, resgatando Williams (1977, 2003) e o seu contributo com os Estudos Culturais, vemos que a estrutura de sentimento, que é visto como um método de análise que compõe as categorias dominante (elementos hegemônicos de uma cultura, a partir das relações que se estabelecem em seu interior e de como essas relações predominam umas sobre as outras); emergente (quando, ao longo do processo histórico, novas práticas culturais emergem, acontece a substituição ou a mescla de valores, costumes, normas e vivências por novas experiências, mas permanecem resquícios e vestígios de características do passado; e residual (quando as práticas tradicionais resistem à pressão do tempo).

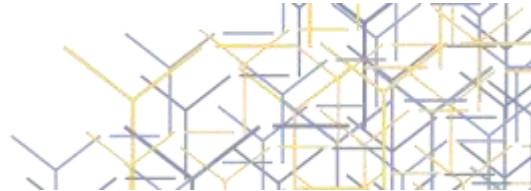


Na concepção do autor supracitado, falar da estrutura residual é focar nos elementos, que resistem tanto às adversidades do passado ao longo do tempo quanto à dominação cultural hegemônica. Logo, a estrutura de sentimento residual refere-se a formas de sentir, viver e expressar que foram formadas em momentos anteriores da sociedade, mas que continuam atuando no presente, mesmo que em tensão com a cultura dominante atual. Já a emergente é o resultado das lutas entre a cultura dominante e residual, que, aos poucos vão perdendo força perante as novas práticas culturais e sociais que vão surgindo. Desta feita, consideramos que o Festival de Zalala carrega consigo, na estrutura de sentimento, a categoria residual (Williams, 1977, 2003), visto que este evento tenta sempre focar na preservação dos saberes culturais locais do passado, passando esses conhecimentos e ensinamentos para os visitantes nacionais e estrangeiros que se fazem presentes ao local da comemoração, o que acontece mesmo perante o fenômeno da globalização, que vem mesclando as culturas e trazendo o processo de aculturação das culturas hegemônicas e dominantes em relação às contra-hegemônicas.

No contexto do Festival de Zalala, a presença de pratos tradicionais, como matapa; caril de amendoim; frango à zambeziana; peixe seco e xima; arroz de côco; catxopue; e a xima de farinha de mandioca, atua como testemunho vivo de práticas culturais enraizadas, muitas delas associadas a modos de vida comunitários, rurais e de subsistência. A gastronomia local, aqui, emerge como um vetor residual: ela carrega memórias ancestrais das relações das comunidades com a terra, com o mar e com os modos tradicionais de sociabilidade. Comer matapa ou camarão da Zambézia em Zalala não é apenas um ato de consumo é a materialização de um modo de vida, de uma história coletiva que persiste e resiste às novas lógicas de mercado, lógicas essas que atualmente encarecem esses recursos, que são a base alimentícia para essas comunidades ancestrais.

Entretanto, se olharmos de forma mais crítica, perceberemos que existem tensões profundas entre o passado e o presente na dinâmica cultural do festival. Há uma estrutura de sentimento residual que oferece um embate entre práticas tradicionais de alimentação e as novas formas de apropriação cultural, impulsionadas pelo turismo e pela economia de eventos. Logo, não ignoramos que a presença da gastronomia no Festival também revela um duplo movimento: ao mesmo tempo em que reitera essas práticas alimentares como marcas de identidade cultural, ela as recontextualiza dentro da lógica contemporânea de espetáculo. Quando assistimos a transformação dos pratos tradicionais em produtos turísticos e a organização de concursos, degustações e vendas em massa no festival, notamos a inserção dessas expressões residuais num circuito comercial que tende a deslocá-las de seus sentidos originais.

Nesse contexto, percebemos uma leve tensão permanente entre o residual, o dominante e o emergente: quando, por exemplo, um prato à base de camarão, que originalmente era servido com xima, passa a ser servido com macarrão ou arroz para poder “adequar” ao modelo turístico, assim como quando pratos de mariscos, que têm como base de preparo o leite de côco são ressignificados e feitos com natas. Desse



modo, a gastronomia de Zalala, enquanto estrutura residual, luta para manter seu sentido comunitário, de pertencimento e continuidade cultural, mas enfrenta pressões para se adequar aos formatos dominantes do turismo cultural e dos grandes eventos, que exigem padronização, rapidez e espetacularização.

Diante do apresentado, cabe pontuar que a presença da gastronomia no Festival de Zalala não é apenas uma celebração da cultura local, é também um espaço de disputa simbólica, e é nesse embate entre o residual e o emergente que se define o futuro dessas práticas alimentares: permanecerão como expressão viva de uma cultura comunitária ou se diluirão em mercadorias turísticas desprovidas de seus vínculos afetivos e históricos? Trata-se de uma reflexão que aponta para a necessidade de estratégias conscientes de salvaguarda da gastronomia tradicional em eventos culturais. Manter viva a memória alimentar de Zalala é também resistir à lógica de homogeneização cultural que, muitas vezes, acompanha o crescimento econômico descontrolado dos festivais.

REFERÊNCIAS

ARPAC. **Comercialização de bens culturais em festivais locais**. Maputo: Instituto de Investigação Sócio-Cultural, 2021.

AZGO FESTIVAL. Disponível em: <http://www.azgofestival.com>. Acesso em: 25 maio 2025.

BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets, Cultures littéraires**: nouvelles performances et développement, Coimbra, n. especial (automne/hiver), p. 451–461, 2009. Disponível em: <http://carnets.web.ua.pt/>. Acesso em: 20 maio 2025.

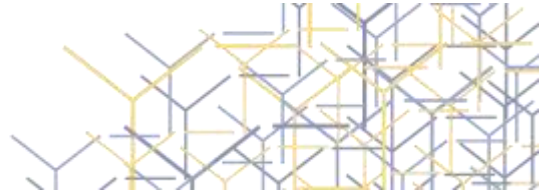
BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORGES, A. **Arte e sociedade em Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Culturais, 2017.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CARVALHO, Eugênio Rezende de; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana. **História Revista**, Goiânia, v. 7, n. 1, 2010. DOI: 10.5216/hr.v7i1.10492. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10492>. Acesso em: 20 nov. 2025



CASIMIRO, I. **Festivais culturais em Moçambique**: espaços de diálogo e identidade. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2018.

COULDRY, N; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. Cambridge/Malden: Polity, 2017.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma perspectiva histórica. *In*: ECOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 27–64.

FITI – Festival Internacional de Teatro de Inverno. **Arranca amanhã a maior festa do teatro em Moçambique**: Moçambique: Moz Entretenimento, 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

HALL, S. Estudos culturais e seu legado teórico. *In*: HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25–50.

HALL, S. **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage, 1997b.

ILHA de Moçambique celebra 207 anos com um grande Festival. **Moz Entretenimento**, Moçambique, 16 ago. 2025. Disponível em: <https://mozentretenimento.co.mz/57467/2025/08/ilha-de-mocambique-celebra-207-anos-com-um-grande-festival/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

INE - Instituto Nacional de Estatística. Indicadores socio-demográficos: Província da Zambézia. **Censo 2007**. Moçambique: INE, 2007.

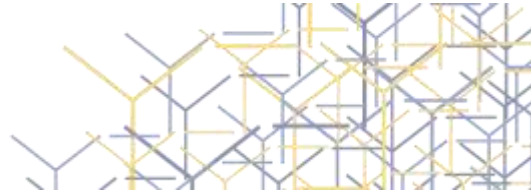
ISEQUIEL, P. Karakata com tocossado: identidades, memórias e territorialidades entre os amakhuwas do norte de Moçambique a partir da gastronomia. *In*: FIGUEIRA, M. C.; CHIATTONE, P. V. (org.). **Patrimônio gastronômico**. Pelotas: Ed. dos Autores, 2021. *E-book*.

ISLAMIC calendar. Disponível em: <https://isomer-user-content.by.gov.sg/48/6ba10401-3c4b-4976-8a88-9e0b141e1fb6/Islamic%20Calendar%202025.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

KHAN, S. **A cultura Makonde em Moçambique**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 2007.

KUGOMA. Fórum cinema. Moçambique. Disponível em: <https://kugoma.org>. Acesso em: 25 maio 2025.

LOPES, E. R.; SIMÕES, J. T. A importância do património gastronómico para o desenvolvimento territorial. *In*: FIGUEIRA, M. C.; CHIATTONE, P. V. (org.). **Patrimônio gastronômico**. Pelotas: Ed. dos Autores, 2021. *E-book*.



MAPUTO acolhe lançamento oficial do XI Festival Nacional da Cultura. **Folha de Maputo**, Maputo, 07 mar. 2020. Vida e Lazer. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/vida-e-lazer/maputo-acolhe-lancamento-oficial-do-xi-festival-nacional-da-cultura/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MAPUTO recebe o "Beer Expo 2025": a grande celebração de arte cervejeira. **Moz Entretenimento**, Cidade da Matola, 09 dez. 2025. Disponível em: <https://mozentretenimento.co.mz/57843/2025/09/beer-expo-2025-a-grande-celebracao-da-arte-cervejeira/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MARCOS, Jorge. Festival de Zalala volta a colocar Zambézia na rota do turismo. **O País**, Moçambique, 30 out. 2017. Disponível em: <https://opais.co.mz/festival-de-zalala-volta-a-colocar-zambezia-na-rota-do-turismo/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Cultura e Turismo. **Importância dos festivais culturais**. Maputo: Ministério da Cultura e Turismo, 2020.

MULLER, S. G.; AMARAL, F. M.; REMOR, C. A. Alimentação e cultura: preservação da gastronomia tradicional. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 55–78. Tema: Fazeres e saberes no turismo: interfaces.

MUTHEMBA, M. **Cultura moçambicana**: tradições e modernidade. Maputo: Centro de Estudos Culturais, 2019.

PIEIDADE, Joana Simões. Dockanema: o documentário como acto de resistência guardião da memória. **Buala**, Maputo, 27 set. 2010. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/dockanema-o-documentario-como-acto-de-resistencia-e-guardiao-da-memoria>. Acesso em: 3 dez. 2025.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.

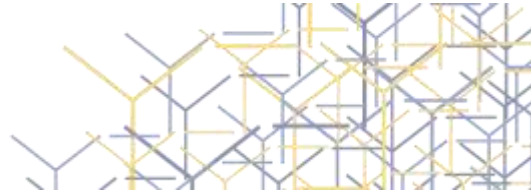
STRAB FESTIVAL. Disponível em: <http://www.strab.co.za>. Acesso em: 25 maio 2025.

UNESCO MOÇAMBIQUE. **Proposta de salvaguarda da dança Tufo**. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 25 maio 2025.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

VISIT ZAMBEZIA. **Culturas e línguas**. [S. l.]: Visit Zambezia, [2025]. Disponível em: https://www.visitzambezia.com/zambe-zia/culturas-e-linguas.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 2 dez. 2025.

WILLIAMS, R. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.



WILLIAMS, R. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.

Contribuição dos(as) autores(as)

Farida Rabia Sequeteiro – idealizadora e escritora do artigo.

Flavi Ferreira Lisboa Filho – orientador

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Comunicação e Cultura: A Gastronomia como Patrimônio Cultural e a Circulação de bens Simbólicos no Festival de Zalala em Moçambique sob a perspectiva dos Estudos Culturais".

Revisado por: Erica Duarte Medeiros

E-mail: ericadmed@gmail.com